

As mamas e o feminino



MARIA IVONE FREITAS DE OLIVEIRA

Médica Hebiatra e Chefe do Serviço Médico do TJPA

As meninas da minha geração (década de 60), durante a infância, costumavam (não sei se ainda costumam) brincar com frequência de duas modalidades: 1) De casinha; 2) De Miss ou modelo.

Na primeira brincadeira, sempre uma das amigas era escolhida como a mãe, que em seu personagem segurava uma boneca e a colocava no seio para mamar, talvez já intuindo a importância das mamas na vida da mulher. Já na segunda, para se desfilar para uma plateia, mesmo que pequena, usávamos soutien da mãe ou colocávamos enchimento com papel e/ou algodão, porque mesmo sem entender de sexualidade, sabíamos que chamaríamos atenção do júri.

Assim, começamos a valorizar e criar intimidade com as mamas. A chegada da puberdade entre 10 e 12 anos, vem com a Telarca, ou seja, o aparecimento do broto mamário, e os sentimentos que vem junto são o de medo e alegria. As preocupações também se fazem presentes: serão avantajados ou pequenos - como “caroço de azeitona”? Precisa escondê-los ou seria melhor

exibi-los? Com estas dúvidas, seguimos desenvolvendo e sendo apreciadas através dos decotes das roupas e de banho.

Chega-se à vida adulta e, repentinamente, nos tornamos mães. Com isso, nossas mamas passam a ter a função sublime de amamentar um filho, dar-lhe os nutrientes necessários para seu crescimento, passando a ser olhadas com respeito, doçura e até mesmo abençoadas. São fonte de aconchego, amor e felicidade e faz-nos ver que são sustentáculos que trazemos ao longo da vida, nos dando poder e prazer.

Sentir qualquer tipo de ameaça a este nosso órgão provoca-nos sentimentos de profundo temor. Nossa feminilidade está sendo ameaçada; a possibilidade de ter nossa vida ceifada nos causa pânico e desmoronamento. Atualmente, contamos com inúmeras ferramentas para prevenir ou combater estas ameaças, precisamos estar atentas e lançar mão destes instrumentos de diagnóstico, para afastar qualquer possibilidade de mutilação em nossas mamas, mantendo-as saudáveis e prazerosas. Afinal, estamos sempre de “peito aberto” para qualquer luta.